

Morgana Pereira de Souza

FRANKLIN CASCAES E O FANTÁSTICO NA ILHA DA MAGIA

Trabalho de conclusão de curso da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Prof^a Patrícia de Moraes
Lima.

Florianópolis
2014

Este trabalho é dedicado a todos que direta ou indiretamente me ajudaram neste processo. Principalmente a energia desta ilha, que sempre me inspirou.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer principalmente a minha família que sempre me apoiou e não me deixou desistir. A minha querida mãe a qual tenho o maior orgulho, pois sempre lutou para dar a mim e meu irmão estudo, buscando garantir que pudéssemos crescer profissionalmente, além de todo seu amor e paciência, o que a torna uma sábia mulher. Ao Leandro que esteve presente em toda minha trajetória, sempre ajudando e estimulando, dando apoio com os trabalhos e apresentações durante o curso. Neste último trabalho teve um papel fundamental, pois além de ajudar com a formatação e algumas sugestões, esteve comigo, me incentivando dia-a-dia para a finalização desta etapa em minha vida, além de toda paciência e companheirismo neste momento. Obrigada!

Gostaria ainda de agradecer á todas às professoras que me deram aula, todas que de alguma forma me fizeram pensar, sobre as coisas reais da vida, todas que me tocaram. Mas principalmente aquelas que fizeram despertar em mim o sentimento de amor, o amor ao próximo, o amor em ajudar, ensinar, o amor em estar presente com aqueles que precisam.

Neste curso, posso dizer que aprendi muito, como me tornar um ser humano melhor, mais justo, aprendi a respeitar o outro, seja ele quem for, a olhar sem julgar, a ver por trás dos olhos julgadores da nossa sociedade. Buscarei levar esse aprendizado por toda minha vida e repassar aos meus filhos.

Com toda a trajetória do curso, passamos por diversos professores e sempre tem um ou outro que marca mais nosso caminho. Durante a graduação tive a sorte em conhecer a professora Gilka Girardello, a qual tem o jeito mais doce em conduzir todas as situações, que com suas contações de história cria mundos completamente diferentes do que vivemos, além de estimular nosso imaginário. Um ser humano de verdade.

Não poderia deixar de agradecer também a minha orientadora, Patrícia de Moraes Lima, a qual desde o nosso primeiro contato durante as aulas já demonstrou a grande pessoa que é. Buscando sempre mostrar para suas alunas a simplicidade das coisas e o amor, principalmente o amor. Ensinando-nos a olhar diferente, a aprender a aprender. Isso tudo com seu jeito muito carinhoso em tratar cada uma. Só tenho a agradecer a Patrícia, por acreditar em mim e me fazer ver que é possível.

Finalizo agradecendo a essa Ilha maravilhosa que moramos, Nossa Senhora do Desterro, energia pura, lugar de inesgotáveis histórias e de gente do bem. Obrigada de coração, por me permitir fazer parte

disso tudo. A magia desta ilha, gostaria de agradecer também, por me fazer perceber a importância deste lugar mágico.

Franklin Cascaes, não o conheci, mas o sinto tão próximo que me emociono em ler seus escritos. Obrigada também, por fazer esse trabalho de resgate da nossa cultura. Graças a este homem, hoje podemos conhecer um pouco mais de quem era e quem é nosso povo.

“O passado vivendo dentro do presente para se apresentar no futuro” (Franklin Cascaes).

As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todo dia, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se, tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos.

(Paulo Beleki).

RESUMO

Este trabalho apresenta o entendimento da cultura popular e seu contexto histórico. Faz um levantamento sobre a cultura em Santa Catarina e Florianópolis, enfatizando a cultura de base Açoriana, a partir da vida e da obra de Franklin Cascaes. Através da pesquisa foi possível ver como a cultura local está sendo trabalhada nas escolas de Florianópolis, a partir de entrevistas realizadas com três professoras da rede estadual de ensino. O maior objetivo do trabalho é despertar nas pessoas um sentimento de curiosidade sobre o que é nosso, a nossa cultura, a cultura deste povo Manezinho da Ilha.

Palavras-chave: Franklin Cascaes. Cultura Popular, Escola.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A cultura brasileira	5
Figura 2 - Caminhos para Santa Catarina	11
Figura 3 - Seu Francolino	15
Figura 4 - Imaginando.....	16
Figura 5 - Florianópolis 1970	17
Figura 6 - Deixando fluir	18
Figura 7 - Monstro Marinho	19
Figura 8- Procissão do Senhor dos Passos	20
Figura 9 - Baile de Bruxas dentro da tarrafa	20
Figura 10 - Irmãs Gêmeas Bruxólicas.....	20
Figura 11 - Na espera das Tainhas	23
Figura 12 - Convenção das Bruxas	30
Figura 13 - Boitató.....	31
Figura 14 - Tempestade e Recolhimento	34
Figura 15 - Fazenda zootécnica Assis Brasil, atual UFSC, bairro Trindade - década de 30.	39
Figura 16 - Ponte Hercílio Luz, 1955.	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 OBJETIVOS	3
1.1.1 <i>Objetivo Geral</i>	3
1.1.2 <i>Objetivos Específicos</i>	3
2 CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO	3
2.1 REVISITANDO O CONCEITO DE CULTURA.....	3
2.2 A CULTURA POPULAR.....	5
2.3 A CULTURA TRADICIONAL DE BASE AÇORIANA	11
2.4 FRANKLIN CASCAES E A CULTURA AÇORIANA DE FLORIANÓPOLIS	15
3 CAMINHOS DA PESQUISA.....	22
3.1 A LOCALIDADE QUE ENVOLVEU A PESQUISA DE CAMPO.....	23
3.2 ENTREVISTAS	24
4 ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA TRADICIONAL DE BASE AÇORIANA.....	27
4.1 A CULTURA POPULAR A PARTIR DA ESCOLA.....	27
4.2 ELEMENTOS FOLCLÓRICOS DA ILHA	31
4.3 FRANKLIN CASCAES E A CULTURA POPULAR AÇORIANA	34
4.4 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A CULTURA POPULAR	36
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	42
REFERÊNCIA DAS FIGURAS	45

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca conhecer como a vida e a obra do artista e ícone catarinense Franklin Cascaes vem constituindo-se para os espaços escolares na ilha de Santa Catarina. Para isso, foram feitas algumas visitas a locais que guardam a memória de Florianópolis, para entrar em contato direto com as obras de Cascaes. Em alguns lugares foi possível o livre acesso, já em outros foram encontradas diversas dificuldades¹. Mesmo com todo esse impedimento, foi possível realizar o estudo das culturas locais que se expressam a partir das obras de Cascaes. Vale ressaltar que ainda encontramos em Florianópolis, alguns lugares mantedores destas obras culturais².

Um bairro do extremo Sul da Ilha, foi escolhido como um dos locais para observação e coleta dos dados apresentados neste trabalho. O bairro foi o Pântano do Sul³, o qual se mantém até hoje da pesca, da renda e dos poucos restaurantes que tem na orla da praia. Considerando estes aspectos, percebeu-se que este é um lugar onde se conserva muito da cultura da ilha, nos dias atuais.

Através de entrevistas com professoras da rede pública de educação de Florianópolis, foram obtidos diversos dados sobre como a escola procura manter viva a cultura da cidade e também a cultura local do bairro. Além de, como a escola trabalha com a arte de Franklin Cascaes e como é difundido seu estudo sobre a vida e cultura açoriana da ilha.

Este trabalho foi organizado a partir de três fragmentos metodológicos. Inicialmente, busquei apresentar um contexto histórico sobre a Cultura Popular e Educação, com base na leitura de autores que

¹ Tais dificuldades serão explicadas no capítulo 3, Item 3.2 Entrevistas.

² Alguns dos lugares em Florianópolis que procuram manter viva a história e cultura do povo, são a Casa de Memória, localizada no Centro de Florianópolis, assim como, a Fundação Franklin Cascaes, também no centro da cidade. Temos na Universidade Federal de Santa Catarina o Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, destinado a guardar as obras de Cascaes e de outros artistas locais.

³ Pântano do Sul é um distrito e uma praia de Florianópolis/ SC. O distrito foi criado pela Lei nº 1.042/66, de 12 de agosto de 1966, tendo sido instalado em 10 de dezembro de 1967. A sede do distrito é a localidade do Pântano do Sul. Situa-se no extremo sul da ilha de Santa Catarina. A praia é de areia fina, e o bairro é um típico retrato das antigas colônias de pescadores tradicionais de Florianópolis. http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A2ntano_do_Sul

discutem o assunto. Além de apresentar uma definição do conceito de cultura, um maior entendimento sobre a cultura popular e as culturas em si. Fechando este capítulo recorro a uma breve apresentação sobre a cultura tradicional de base açoriana e Franklin Cascaes e a Cultura de Florianópolis.

O segundo recorte tratou sobre os caminhos da pesquisa, como esta foi realizada, neste caso, através de entrevistas, buscando encontrar respostas que ainda não haviam sido esclarecidas, com o trabalho de leitura dos textos. Apresenta ainda, a localidade que envolveu a pesquisa de campo, os meios utilizados para conseguir as informações sobre a pesquisa e por fim, a entrevista realizada.

No terceiro e último recorte, foram apresentadas as análises das experiências escolares, de valorização da cultura tradicional de base açoriana, as quais foram obtidas através da entrevista e também dos locais visitados. Os dados da entrevista foram divididos em quatro subitens, entre eles: A Cultura Popular a partir da Escola, Os elementos Folclóricos da Ilha, Franklin Cascaes e a Cultura Popular Açoriana e por fim A Formação de Professores e a Cultura Popular.

Pela admiração as obras de Franklin Cascaes e também para socializar o acervo deste artista, este trabalho utilizará algumas imagens de sua grande obra.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho centra-se na análise de como a obra do artista Franklin Cascaes está sendo reconhecida e trabalhada nas escolas.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar onde e como se encontram hoje as obras de Franklin Cascaes;
- Compreender como esta cultura é apresentada para as crianças;
- Mapear se há algum interesse da Secretaria de Educação em trabalhar e valorizar esta cultura.

2 CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO

O objetivo deste capítulo é fazer alguns apontamentos sobre o contexto histórico da Cultura Popular no mundo, no Brasil e após em Santa Catarina. Para que seja possível uma compreensão de como se deu o processo de valorização e reconhecimento desta cultura e ainda como esta é vista hoje em dia. Este capítulo é finalizado trazendo a história do grande artista Franklin Cascaes, sua vida e obra.

2.1 REVISITANDO O CONCEITO DE CULTURA

A partir da leitura de *Cultura e Democracia*, de Chauí (2008), procuro analisar as diversas formas de cultura através do contexto intelectual e político. Na Europa Ocidental o Iluminismo surge como um modelo cultural capitalista, definindo a cultura como um aparelho de avaliação e poder dos regimes políticos e classes sociais, afirmando ainda mais os processos de dominação e exploração. É neste momento que surgem críticas à cultura e a comunicação de massas. Os meios de comunicação aparecem para propagar produtos e serviços de certo povo.

Segundo Chauí (2008), a definição da palavra Cultura: Vem do verbo latino *colere*, que significa cultivar, cuidar, com a terra, com as crianças, com o sagrado. No cultivo a cultura é uma ação que guia para a execução de suas habilidades, com descobrir o dom, as potencialidades de cada pessoa.

A partir do século XVIII, segundo Chauí (2008), a cultura recebe um novo conceito, o de civilização, o que muda seu significado inicial, pois civilização vem de vida civil, vida política. No Iluminismo a cultura aparece como um modelo que avalia o grau de civilização de uma sociedade. Com essa mudança a cultura tornou-se um conjunto de práticas, para mensurar o valor dos regimes políticos. A cultura remete a um tempo evolutivo, semelhante a progresso, sendo assim avalia-se o progresso de uma civilização através de sua cultura e vice versa.

As sociedades começam a ser avaliadas a partir de elementos do Ocidente Capitalista, sendo eles: o Estado, o Mercado, e a Escrita. A falta de um desses elementos definia a falta de cultura ou uma cultura pouco evoluída. As sociedades que não se enquadravam neste padrão do Estado Europeu, foram julgadas como culturas primitivas. De tal forma, percebe-se que foi criado um padrão para segregar as formas culturais.

Na segunda metade do século XX, vincula-se um novo entendimento sobre cultura, agora sob o olhar de antropólogos europeus e marxistas. Buscam acabar com os valores de dominação que eram atribuídos a cultura. Estabelecem a antropologia social e política, toda cultura explícita de maneira histórica cada momento vivido, cada simbologia seguida da individualidade e a condição própria de cada ser. Após este momento a expressão cultura inicia um processo de maior amplitude, sendo compreendida como produção e criação da linguagem, da religião da sexualidade, do trabalho, das relações sociais, da estrutura de família, das relações de poder, de todas as relações que envolviam as pessoas, suas habilidades e costumes. A cultura começa a ser entendida como um lugar de símbolos, signos, práticas e valores, elaborados por nós.

O mundo moderno nega a comunidade e toda a forma de organização desta, como o bem comum, a união, relação de igual para igual, onde não há o individualismo. No modo de produção capitalista do mundo moderno surge a sociedade e com ela a segregação, a luta de classes, os jogos de força e poder, o individualismo e a divisão social.

A partir desta transição de comunidade para sociedade, surge juntamente com a sociedade a divisão cultural, trazendo novos conceitos e mudando de uma vez por todas a definição de cultura. Passando a chamar-se cultura formal ou cultura letrada, para os indivíduos da classe dominante. Já a classe menos favorecida, a trabalhadora tinha sua cultura chamada de popular, sendo aquela que acontece *de forma instintiva, quase que natural*.

Analisando a diferença que existe entre cultura popular e cultura da elite, observa-se que a mesma já vem de outros conflitos, de raça, classe, econômicos, entre outros. Sendo assim a cultura dominante/elitizada continua até os dias atuais reforçando esta desigualdade, pois mantém entre os seus, uma cultura preconceituosa, que gera cada vez mais conflitos, entre a cultura popular e a cultura da elite.

Seguindo essa lógica, os senhores da elite brasileira seguem negando a cultura popular, tentando afastá-la cada vez mais dos centros das cidades, relacionando a cultura popular com a marginalidade. Reforçando então a sua cultura, como sendo uma regra para poucos, somente para quem detém o poder. (CULTURA POPULAR E A EDUCAÇÃO) –SILVA (2008).

Analisando todas essas mudanças, percebe-se o quanto a questão da cultura está diretamente ligada aos interesses políticos da classe dominante, que sempre coloca como prioridade, regra e dever suas necessidades, sendo estas que determinam as mudanças e adaptações para a sociedade como um todo.

2.2 A CULTURA POPULAR



Figura 1 - A cultura brasileira⁴
Fonte: Pensamentos da História (2013).

A partir dos estudos de Brandão (2009), pode-se compreender outros aspectos da cultura popular e da educação e como uma influência

⁴ Figura ilustrativa para representar o Brasil e não as definições de cultura em cada estado, como aparece no mapa. As imagens dentro do país (Brasil), não tem significados para o atual trabalho.

a outra. Um novo olhar sob como a cultura foi conquistando seu espaço na sociedade brasileira. Além de diferentes dimensões desta mesma cultura, e também, como as culturas foram levadas ao campo da prática política, integrando a elas um novo sentido para a educação.

Segundo (Brandão 2009), na antropologia as dimensões de cultura e cultura popular são inúmeras e sempre muito polêmicas. Muitos autores buscaram compreender, explicar e até mesmo separa-las uma da outra, porém continuamos com esta ideia, de culturas e não somente de cultura.

A cultura representa o processo de trabalho dos seres humanos, no acontecer da transformação de algum produto, pois quando o ser humano cria algo, ele aplica naquele objeto, práticas e saberes adquiridos durante sua vida. Pensando sobre uma cultura imaterial, o acontecer encontra-se no significado das coisas, das sensações, dos saberes, dos sentidos, entre outros aspectos do compartilhar de diferentes universos.

“Isto é, seres que culturalmente constroem os mundos em que vivem, ao invés de naturalmente habitarem os ambientes em que existem” Marx, K. *apud* Brandão (2009)p.717.

Para Brandão (2009), a cultura está relacionada aos atos e fatos, os quais nos apropriamos do mundo natural o transformando em um mundo humano. Da mesma forma que nos gestos e feitos que criamos a nós mesmos, quando passamos de organismos biológicos para sujeitos sociais, é quando criamos socialmente nossos próprios mundos, nossos diversos seres, nossas múltiplas vidas e infinitos destinos. Desta forma, a cultura encontra-se no que dizemos, sentimos e somos. Pelo fato de sermos seres sociais, a cultura é todo o mundo que transformamos da natureza, em nós e para nós.

Somando tudo isso, nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura, não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura: dobuana e javanesa, hopi ou italiana, de classe alta e classe baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que é ainda mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de aprendizado: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de sistemas específicos de

significados simbólicos. GEERTZ, (1989, p. 62).
Apud BRANDÃO (2009, p. 718)

Sendo assim, podemos perceber que a cultura é tudo que “produzimos” para nos tornar humanos. Todos os hábitos e costumes que adquirimos durante nossas vidas, os quais servem para nos socializarmos, para que possamos viver bem em sociedade. Brandão diz que as culturas são múltiplas, podendo somente ser compreendidas quando analisadas de dentro para fora.

É na condição de ser social que o homem realiza a cultura, o homem se faz agente da cultura quando cria e transmite a outros homens estes elementos criados. Logo, a cultura está sempre em movimento, em processos contínuos de criação, interação e recriação em constante mudança e evolução. Neste caso não se trata de teorizar sobre cultura em geral, mas sim em agir sob a cultura presente, sempre em busca de transformá-la. O povo é autor, ator e consumidor de sua própria experiência cultural. Aquela que, de diferentes maneiras, traduz sua existência de criador.

A cultura popular somente é totalidade quando se transforma em um processo que permita a livre expansão dessa complexa rede em que se articulam, em interseções ricas e variadas, motivos subjetivos e possibilidades objetivas, propósitos de grupos e paixões individuais, meios disponíveis e finalidades ambiciosas. [...] Em uma palavra, a cultura popular deve ser a expressão cultural da luta política de massas, entendendo-se por essa luta algo que é feito por homens concretos, ao longo de suas vidas concretas. ESTEVAM, (1978, p. 40) *apud* BRANDÃO (2009).

A partir da leitura do MEB (1965) *apud* BRANDÃO (2009), pode-se dizer que a cultura popular surge como uma consequência da mudança social. Buscando a participação de todos na elaboração da cultura da nossa sociedade. Principalmente na criação do sentido da cultura, o que ela significa para os homens desta sociedade. Assim, a cultura popular esta vinculada a uma ação que não pode estar desligada do povo e dos grupos sociais, que por circunstâncias econômicas, políticas, sociais e culturais estão marginalizadas da cultura. Portanto, a cultura popular não é neutra ou indiferente, ela surge de um conflito,

pois ela existe e se apresenta em termos de libertação e produção humana. É possível concluir então que, não é possível um trabalho de cultura popular desvincular-se do processo de conscientização.

Trabalhar com cultura popular está relacionado a estabelecer diálogos com sujeitos e coletividades populares, para transformar a consciência de pessoas, tornando-as autores críticos de sua própria cultura, além de atores participantes de ações coletivas. A fim de haver um rompimento com a ordem vigente, com a intenção de construir uma sociedade igualitária, definindo as culturas *como libertadoras*.

Cultura popular é todo processo de democratização da cultura que visa neutralizar o distanciamento, o desnível “anormal” e antinatural entre as duas culturas através de abertura a todos os homens, independente de raças, credo, cor, classe, profissão, origem, etc. De todos os canais de comunicação. Fazer cultura popular é, assim, democratizar a cultura. É antes de tudo um ato de amor. [...] Podemos então definir educação em termos de nossas análises anteriores: a instrumentalização do homem pela democratização da cultura. MACIEL, (1978, p.143 – 144) *apud* BRANDÃO (2009, p.736).

Paulo Freire defende em muitos de seus trabalhos, que a educação popular é uma prática cultural para a liberdade, tendo como objetivo transformar o sistema e a lógica da educação tradicional.

Segundo Brandão (1985), por volta dos anos de 1960 nascia um movimento revolucionário de educadores. Os quais eram contra a educação institucionalizada, com sistema escolar seriado ou ainda como educação formal de adultos. Este novo movimento tinha a proposta de reescrever a prática pedagógica do ato de ensinar e aprender, além de repensar o sentido político da educação, sendo esta uma proposta de educação verdadeiramente popular. E desta vez não pelo seu trabalho se dirigir aos operários e a população menos favorecida da sociedade. Mas sim pelo fato de agora ensinar a possibilidade de criação de um saber popular, através da educação de classe, o instrumento de uma nova hegemonia. Era ainda objetivo deste movimento, transformar a ordem social dominante em um mundo *igualitário e justo*.

Já no final de 1960, surge o reconhecimento de organizações institucionais, grupos e associações de cultura popular. Desta maneira

autores e atores, criadores de cultura popular passam a se identificar e começam a ser reconhecidos publicamente, por seus trabalhos.

Segundo Duvignaud, de Cuéllar et al.(2004) *apud* BRANDÃO (2009), é exatamente neste momento que a cultura popular começa a ser reconhecida como práticas sociais e representações através das quais uma comunidade cultural exprime sua identidade particular.

Durante a história a cultura popular sofreu diversas modificações em seu conceito, tais como: O Romantismo no século XIX, defendia que a cultura popular era a cultura do povo, daquele que era bom. No Iluminismo século XVIII, a cultura popular era vista como tradição, superstição e ignorância, devendo ser reparada através da educação. Já no Populismo no século XX, há uma mescla da visão romântica com a iluminista, segundo Chauí.

Quando pensamos a divisão cultural neste contexto, percebe-se que a cultura de massa e a indústria cultural tentam esconder a divisão cultural que marcava a época. Pois a indústria cultural separa os bens culturais a partir de seu valor, destinando o que é mais valioso para quem tem o poder de compra, a elite cultural no caso, o que tem menos valor para a massa. Desta maneira somente a classe dominante tem acesso a produção cultural, pois esta já é destinada a elite culta, reforçando assim a divisão social. Neste aspecto a cultura de massa tenta esconder a divisão cultural, pois cria a aparência de que todos tem o mesmo acesso aos bens culturais vigentes.

A cultura possui três traços essenciais a partir de Chauí (2008), sendo o primeiro ligado ao trabalho, a experiência. O segundo é a ação para pensar em transformar essas experiências. E o terceiro é a cultura como um direito do cidadão, direito tanto de acesso a esses bens culturais como o direito de fazer cultura e de participação nas decisões sobre a política cultural. O que ocorre é que a indústria cultural opõe-se esse modo de fazer cultura, transformando tudo em cultura de massa. Neste sentido tudo que foi pensado, vivido, experienciado e criado acaba perdendo o seu devido valor e mudando o foco, como por exemplo: as obras de arte deixam de ser expressivas para se tornarem repetitivas, todo esse trabalho de criação passa a ser simplesmente para o consumo, de publicidade e propaganda. O que acontece é que a cultura de massa se apossa dessas obras culturais para consumi-las, dizima-las, anula-las, com o objetivo de transforma-las em mera reprodução, cópia. É neste momento que aparecem os meios de comunicação, para converter tudo em entretenimento, ou seja, no mercado cultural.

Analisando a existência social e cultural a partir da economia neoliberal, pode-se dizer que ocorreu uma grande mudança na questão

do tempo e espaço, através da revolução eletrônica e informática. Tudo acontece aqui e agora, sem passado e futuro, sem conteúdo significativo. Perdemos o real sentido das coisas, sua profundidade, sua história verdadeira. Acabando assim com a cultura como ação histórica.

A cultura ainda que negada por muitas instâncias da sociedade, está inscrita em todas elas. Pois não há história, não há vida, não há perspectivas sem a cultura. Sendo assim é preciso analisar as relações que esta estabelece para compreender um pouco mais de sua história.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (...) É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar Freire (2001).

Pensando então sobre a cultura e o Estado, no caso do Brasil o trato com a cultura foi antidemocrático. Pois se apropriou da cultura a modificando para cultura oficial, para que esta fosse à regra para toda a sociedade. Neste caso, o Estado denomina-se como produtor da cultura. Tempos depois o Estado sugere o tratamento moderno cultura. Agora o Estado passa atuar como mercado da cultura, agindo no interior desta. Porém o Estado não pode produzir cultura, pois é mais um elemento dela, é um produto da cultura.

Deve-se pensar a cultura como um trabalho da inteligência, do sensível, do imaginável, da experiência. Como um trabalho natural do

tempo, pensando-a como instituição social, de tal forma definida pelas suas circunstâncias materiais e históricas.

Compreender a cultura como trabalho constitui conceber que a obra (o resultado final da cultura), é feita para os outros sujeitos sociais, e deve despertar neles a sensibilidade a imaginação, a criação. E que esses sujeitos tenham o direito de participar das decisões políticas culturais, para que possam assegurar seu acesso a produção cultural. Sendo está uma política cultural estabelecida pela compreensão de cidadania cultural, onde a cultura não se limitaria a suprir os padrões do mercado. Mas seria um direito dos cidadãos, um direito de acesso, de conhecimento, descoberta, de se comunicar entre si, debater, trocar experiências e criar novas formas de fazer cultura, alimentando o processo cultural.

Sendo assim, reconhecendo que a cultura popular brasileira é um manancial de conhecimentos, sabedorias, tecnologias e que possui grande perspectiva de crescimento. Não há como negar que podemos pensar outro país, a partir desse novo desenvolvimento. Um país capaz de ser multicultural, multiétnico e multirracial, um país que proporcione a comunicação direta entre classes diferentes. Somente assim teremos um país com indivíduos hábeis a reconhecer a diversidade, chegaremos então á uma sociedade democrática, uma cultura Popular, uma educação e a uma escola de valor, e para todos.

2.3 A CULTURA TRADICIONAL DE BASE AÇORIANA

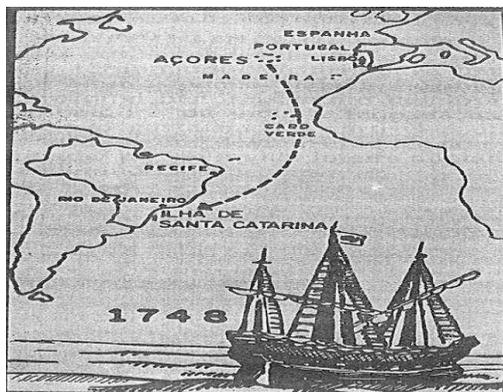


Figura 2 - Caminhos para Santa Catarina
Fonte: Raimundo Caruso (1989).

Neste momento vamos analisar como Santa Catarina foi povoada, quais os meios de cultura que aqui chegaram, e os que prevalecem até hoje, partir da obra de PIAZZA (2004). Fazendo uma breve contextualização de momentos históricos. Conhecer as diferentes culturas que se fizeram presentes na construção do território catarinense é de extrema importância para sabermos por que hoje temos tantos costumes, tantas histórias e lendas, para nos reconhecermos enquanto moradores, criadores e recriadores dessa cultura tão presente. Conhecer essa cultura que se perpetua e se molda pela história da colonização catarinense é de fato muito importante, pois, cada povo que aqui chegava trazia consigo uma etnia diferente, agregando ao estado diversas características culturais que estão em nosso meio até hoje.

Segundo os estudos de PIAZZA (2004), os primeiros habitantes destas terras foram os índios. No litoral catarinense viviam as tribos carijós, na região da Serra havia tribos de Xoklengs e Kaingang. Na região do oeste havia algumas tribos de Xoklengs e Kaingang, porém cada uma vivendo em sua tribo, separadas umas das outras. Os índios viviam muito bem nessas terras, plantavam, colhiam, protegiam a mata os rios e viviam em harmonia com a sua comunidade, sendo esta a visão dos brancos sob os índios, ou ainda esta harmonia é referente ao tempo antes dos brancos tentarem “colonizar” os índios.

Não há um número exato de índios que aqui viviam, mas sabe-se que eram muitos, iam formando suas comunidades e multiplicando sua cultura. Que infelizmente mais tarde foi sendo perdida pela influência de outras culturas. Sabe-se apenas que viviam bem, tinham tudo que precisavam na natureza, por isso viviam em harmonia com esta, lhe respeitando sempre.

Porém quando os colonizadores europeus começaram a chegar aqui essa realidade foi mudando, pois esses colonizadores não chegaram e respeitaram quem vivia aqui, muito pelo contrario. Quando chegaram eles trataram logo de criticar a forma como os índios aqui viviam, utilizando-os para seu benefício. Os colonizadores passaram a dominar os índios, assim as tribos foram enfraquecendo assim como sua cultura. Desta maneira as tribos foram sendo praticamente exterminadas. Houve muita resistência dos índios, mas os europeus acabaram fazendo o território catarinense suas terras.

Foram trazidos para estas terras os jesuítas que tinham como objetivo catequizar os nativos, para que aprendessem a ler e escrever. Claro que isso foi também um interesse dos Portugueses, para que pudessem se comunicar com os índios.

A partir de estudos de CABRAL (1994), no século XVII, o Estado de Santa Catarina recebe novos habitantes, os bandeirantes, vindos de São Vicente. Trazendo além de seus pertences, novos costumes, valores, crenças, hábitos, culinária, efetuando mais uma cultura nesta região. Os bandeirantes tinham também o interesse de desbravar nossa terra, tirando dela suas riquezas, sem se preocupar ou minimamente respeitar as tribos que ainda sobreviviam aqui. Com a chegada desse novo povo, houve um acúmulo grande de pessoas, que resultou na fundação dos primeiros povoados. Surgindo as três primeiras fundações do território catarinense, como: Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco; Nossa Senhora do Desterro e Santo Antônio dos Anjos de Laguna.

Desta maneira, com a chegada de tantas pessoas, acontecendo uma mistura de povos que vão dando cada vez mais traços culturais a Santa Catarina.

A partir deste novo panorama outras cidades começaram a ser fundadas, pelos vicentistas, assim como Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, em 1672, por Francisco Dias Velho.

Nossa Senhora do Desterro começou a ser governada pelo brigadeiro e engenheiro militar José da Silva Paes.

No século XVIII, José da Silva Paes trouxe imigrantes da Ilha de Açores e Madeira para povoar o território catarinense. Esse novo povo chegando aqui começou a se instalar, fundaram, alguns povoados, e como não poderia deixar de ser difundiram sua cultura.

Todos os imigrantes que aqui chegaram, trouxeram sua cultura, e inúmeros ensinamentos que foram sendo exercidos e adaptados nos lugares que se fixavam.

A vida no campo não estava dando certo, logo os imigrantes açorianos se deslocaram para a cidade, quando chegaram precisavam de um meio para sobrevivência. É neste momento que começam de fato demonstrar toda sua cultura que hoje é a nossa. Fizeram a instalação de freguesias, passando a ter um cotidiano social e cultural valorizado pela terra catarinense.

O povo açoriano desenvolveu um papel de suma importância na atividade pesqueira, pois desenvolveram vários utensílios para a pesca da baleia, a pesca desta servia para comercialização do óleo da baleia e a sua própria carne para a alimentação.

Este povo açoriano trouxe para cá seus costumes e tradições, entre elas, as técnicas de pesca, a renda de bilro, o folgado do boi-navara, o carro-de-bois, a olaria de cerâmica, o pão-por-Deus, manifestações de literatura popular e de arte decorativa, na culinária,

assim como uma mitologia onde despontam bruxas e lobisomens, nas técnicas de tecelagem, costumes, crenças, técnicas de produção o alambique, o engenho, a baleeira, uma medicina de base homeopática que incorpora benzeduras e orações, além de todo o conhecimento que trouxeram da Ilha dos Açores.

Formando a grande maioria da população da região, os imigrantes açorianos e seus descendentes se constituíram numa poderosa força cultural, assentadora de usos e costumes e cultivadora de tradições, que marcaria profundamente a identidade do povo da Ilha de Santa Catarina e vizinhanças. Florianópolis: uma síntese histórica, Fundação Franklin Cascaes (1995).

A partir da história percebe-se que Santa Catarina foi um palco de lutas entre os povos que vinham para cá e os que aqui já viviam. Contudo é preciso ressaltar que são estes mesmos povos que contribuíram para nossa cultura hoje, para nossas histórias e até mesmo nossas vidas.

Sendo assim, fica evidente que a Colonização de Santa Catarina teve a influencia de diversos povos de diferentes culturas. Mas vemos que a que prevaleceu e prevalece até os dias atuais na Ilha de Santa Catarina é a cultura de base açoriana. Esta que influencia a vida, o comércio, o turismo e muitos outros aspectos para quem vive ou simplesmente vem conhecer este lugar mágico repleto de histórias e encantamentos.

A interação destas três vertentes a Carijó, a vicentista e a açoriana, acrescida de numerosas outras influências, entre as quais deve-se destacar a contribuição dos escravos negros (magia, crenças, cultos e rituais religiosos, etc.), acabou por gerar aqui uma nova cultura, plena de matizes e formas, inencontrável em qualquer outro lugar. Uma cultura que, hoje, vive seu perigo, num processo de progressivo desaparecimento ante o curso inexorável da História.(Florianópolis: uma síntese histórica, Fundação Franklin Cascaes, 1995).

2.4 FRANKLIN CASCAES E A CULTURA AÇORIANA DE FLORIANÓPOLIS

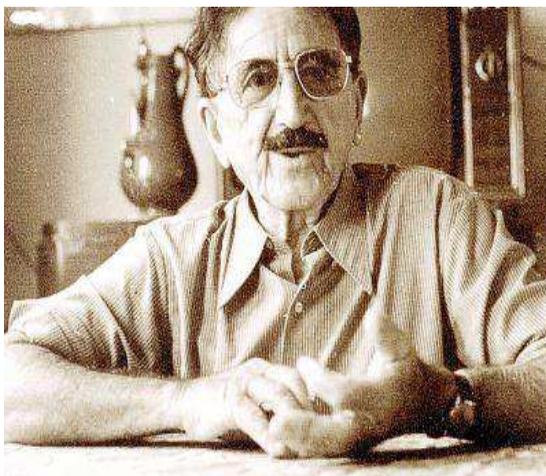


Figura 3 - Seu Francolino
Fonte: Cia Teatral em Cena (2010).

Neste momento procurarei falar sobre quem foi Franklin Cascaes e sobre toda a sua contribuição para a Cultura Catarinense, além de sua história.

Seu nome completo é Franklin Joaquim Cascaes. Nasceu em Itaguaçu – São José em 16 de outubro de 1908, faleceu na cidade de Florianópolis em 15 de março de 1983. Sua família é de origem Portuguesa e Açoriana, seus pais e avós viviam da pesca e da roça. Podemos dizer que Franklin Cascaes além de pesquisador foi também escritor e artista, dedicou-se ao estudo da cultura açoriana na Ilha de Florianópolis e região, incluindo aspectos folclóricos, culturais, suas lendas e superstições. Cascaes lecionou na escola de Aprendizes e Artífices de Santa Catarina (atual Instituto Federal de Santa Catarina).

Segundo Souza (2000), devido ao talento que tinha para retratar o que escutava, seja no papel, no barro ou na pedra, Franklin Cascaes ensinou durante cerca de 40 anos desenho, escultura, modelagem e trabalhos manuais. Em 1946, nas dependências da escola, começou a aprofundar sua busca pelos costumes, práticas e conhecimentos dos

descendentes açorianos que colonizaram Florianópolis. Às suas próprias custas, passou a coletar antigas histórias, que tratava de eternizar em alguma das muitas artes que dominava. Havia virado artista, mas não com essa intenção. Mesmo se quisesse, não poderia abandonar o magistério: “não dá para viver de arte, o artista é sempre pobre, visto como um malandro” (Franklin Cascaes).

Seu legado deu à Florianópolis o título de “Ilha da Magia”, influenciou outros artistas, mexeu com o imaginário dos escritores e ainda mais com o povo daqui, com o manezinho açoriano. Passou a vida toda escrevendo, desenhando, escutando histórias, e fazendo suas esculturas. A cultura popular da ilha traduzida em uma delirante fantasia foi o que converteu sua existência de homem mito-poético em dogma.

“O homem fantasia a natureza e isso é fantástico” (Franklin Cascaes).



Figura 4 - Imaginando
Fonte: Tadeu Stangherlin (2010).

Segundo ARAUJO (2008), absorvendo a cultura popular pelo exercício do fantástico, Cascaes filia-se tanto a uma linha satânica, como a uma rigorosa documentação etnográfica e o que é mais importante filia-se a mais pura brasilidade. O elo entre hoje e ontem, Franklin Cascaes é o mito vivo da Ilha.

Em 1946, quando tinha 38 anos iniciou sua pesquisa sobre a cultura do povo açoriano, ainda trabalhava como professor. Sendo que

toda essa pesquisa necessitava de investimento, e este investimento precisava ser de Franklin Cascaes. Com o salário de professor, este artista enfrentou muitas dificuldades para manter sua pesquisa. Começou então de forma simples se envolvendo com o povo, conversava com os moradores, escutava e escrevia muito. Muitas das histórias que ouvia eram truncadas, precisando que quando chegasse em casa as desenvolvesse melhor.

Nesta mesma época, segundo Franklin Cascaes, já estavam começando a “desmontar” nossa cidade Nossa Senhora do Desterro. Com novas construções de prédios e derrubando casas velhas.

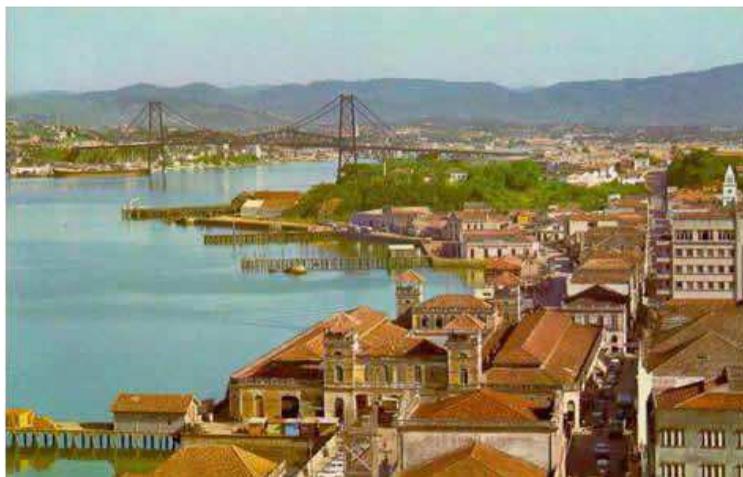


Figura 5 - Florianópolis 1970

Fonte: Sunrise Musics (2013).

Em 1960 comprou uma Kombi, o que lhe ajudou muito em suas pesquisas. Defendia que o nome da ilha devia continuar sendo Nossa Senhora do Desterro, seu maior sonho era devolver este nome à cidade. Porque não concordava em trocar um nome que foi da mãe de Deus, pelo nome do homem que mandou matar quase 200 pessoas, injustamente, um verdadeiro tirano ditador. Desta forma não tinha o hábito de chamar a cidade pelo nome de Florianópolis, mas sim de Desterro. Seu trabalho é sobre a valorização da cultura dos povoadores do litoral de Santa Catarina, dos nossos antepassados, do povo que trabalha e luta por uma vida simples, que vive da pesca, da renda, do artesanato, de quem é daqui. Dizia ainda que acreditava que seu trabalho era de grande importância para o povo açoriano, porque, segundo ele “é

preciso conhecer para amar”, pois um povo que não conhece sua história está muito longe do que devia ser de fato sua cultura.

Segundo Franklin, o homem cria elementos fantásticos, o lobisomem, a feiticeira, o boitatá, a bruxa, diz ainda que sem o medo, sem a criação, a imaginação e o fantástico a vida seria muito mais pobre, seria uma coisa dura, sem expressão, alegria. Pois viveríamos presos a responsabilidades, regras, rotinas entre outras coisas não tão agradáveis da vida.



Figura 6 - Deixando fluir
Fonte: Tadeu Stangherlin (2010).

Em toda sua vida, seu trabalho foi valorizar e resgatar essa cultura tão rica existente em nosso litoral, buscava as lendas os mitos, as histórias da nossa ilha, os contos fantasmagóricos, bruxa, boitatá, mula sem cabeça, lobisomem, boi de mamão. Tudo que lhe contavam, ele reescrevia e transformava em algo “real”, uma escultura, uma história ou ia recontando para quem quisesse ouvir. Sempre com o intuito não deixar perder-se essa cultura tão rica de histórias e contos que temos aqui. “A imaginação se projeta para dentro do espaço, e vai para o infinito”. (Franklin Cascaes)

Resgatar esta cultura é de fato muito importante para a constituição do nosso povo, e para manter vivos nossos costumes e modos de vida. E esse sem dúvida foi o grande trabalho desse pesquisador de fundamental importância para Florianópolis. “A vida

sem medo, sem mentira ficaria muito vazia, pois o medo cria coisas fantásticas”. (Franklin Cascaes).

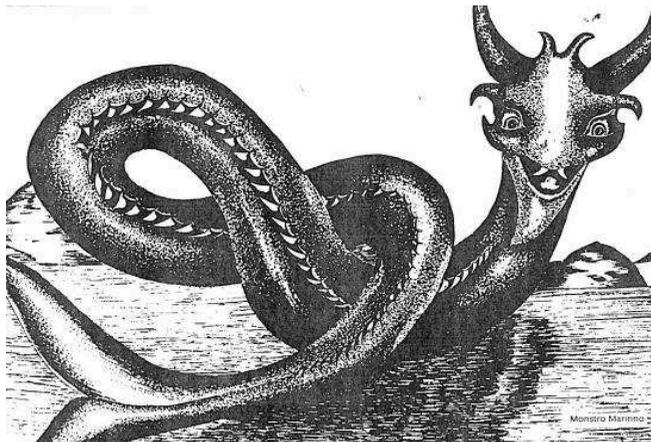


Figura 7 - Monstro Marinho
Fonte: Raimundo Caruso (1989).

Segundo Franklin Cascaes, ele iniciou este trabalho de pesquisa sobre a cultura açoriana, para não deixar perder-se toda a história que temos. Seu trabalho foi sempre de resgate. Então, Franklin pensava em um dia conseguir reunir todo seu acervo em uma casa, um museu ou qualquer lugar que pudesse servir à comunidade de um modo geral, o que não queria era que esse material todo se tornasse propriedade de alguém. Foi exatamente por isso que ele nunca teve a intenção de vender nada, pois não achava correto, essas obras de arte da cultura local e do povo morador de Nossa Senhora do Desterro ficarem guardadas em uma sala, apenas para contemplação de quem as comprou. Deste modo ele defendia que tudo devia estar acessível a qualquer um que tivesse interesse em conhecer um pouco mais sobre a Ilha encantada, sendo estas, pessoas de qualquer espécie, cultura ou língua. Pois, segundo ele, seu trabalho fala toda e qualquer língua que tenha curiosidade e imaginação.

Antes de falecer em 1983, Franklin doa todo o seu acervo à Universidade Federal de Santa Catarina, sob a guarda do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, onde estão guardados 925 desenhos, 1250 esculturas e acessórios cenográficos, além de 286 cadernos com anotações de campo.

Hoje se alguém tiver interesse em conhecer as obras deste artista tão fantástico terá que estar fazendo algum tipo de trabalho acadêmico, ou pesquisa vinculada à Universidade. Caso contrário, não poderá nem sequer observar a arte de Franklin Cascaes. Porque segundo os organizadores e responsáveis pelo museu, seu trabalho esta guardado em uma sala, onde precisa ficar para manter sua conservação natural. Sendo assim, tudo que este artista não queria está acontecendo, já que qualquer pessoa que tenha interesse e curiosidade não pode visitar suas obras. E elas estão fechadas em uma sala, quase que esquecidas. Será mesmo que esta é uma maneira de conservar e manter vivas as obras deste artista? Longe dos olhos curiosos de quem as procura...



Figura 8 - Procissão do Senhor dos Passos

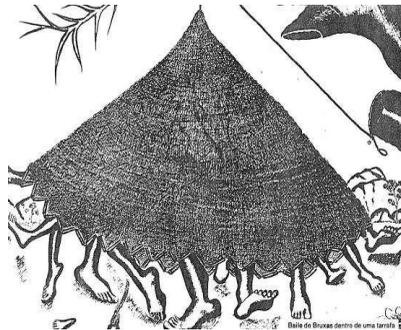


Figura 9 - Baile de Bruxas dentro da tarrafa

Fonte: Raimundo Caruso (1989).



Figura 10 - Irmãs Gêmeas Bruxólicas

Fonte: Raimundo Caruso (1989).

3 CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada através de entrevistas, buscando encontrar respostas que ainda não haviam sido esclarecidas, com o trabalho de leitura dos textos.

Para isso foi necessário buscar em alguns autores, maior entendimento sobre a pesquisa qualitativa.

Segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa, refere-se a uma atividade da ciência, visando à construção da realidade, porém preocupa-se com as ciências sociais, a partir de um nível de realidade, este que não pode ser quantificado. Desta maneira, trabalha com um universo de crenças, valores, entre outros aspectos profundos das relações, estes que não podem ser reduzidos a aplicações de variáveis. Já a metodologia de pesquisa é o caminho do pensamento a ser seguido. O qual ocupa um lugar central na teoria e trata basicamente o conjunto de técnicas a serem adotadas para se construir uma realidade.

A partir de Godoy (1995), podemos pensar as principais características da pesquisa qualitativa, sendo elas: o ambiente de pesquisa como fonte direta dos dados e o pesquisador como um instrumento chave; possui um caráter descritivo; o processo é o principal foco de abordagem e não o resultado, ou o produto; a análise dos dados é realizada de forma intuitiva pelo pesquisador; sua preocupação é a interpretação de fenômenos e conceder resultados. A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos, através do contato do pesquisador com a situação em questão. Neste caso, o pesquisador está buscando a compreensão dos fenômenos, a partir das perspectivas dos sujeitos envolvidos na situação do estudo.

Gil (1991), explica que a pesquisa pode ser classificada em três grupos, sendo eles: estudos exploratórios, descritivos e explicativos.

Para este trabalho de conclusão de curso, foi utilizada a pesquisa exploratória, a qual é um trabalho de levantamento bibliográfico, com entrevistas e análises de exemplos que possibilitem a compreensão. Sua finalidade básica é desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, a fim de elaborar abordagens posteriores.

Tal estudo proporciona um maior conhecimento para o pesquisador sobre o assunto em questão. Neste caso o pesquisador tem como objetivo, formular problemas precisos e criar hipóteses para serem pesquisadas posteriormente.

3.1 A LOCALIDADE QUE ENVOLVEU A PESQUISA DE CAMPO

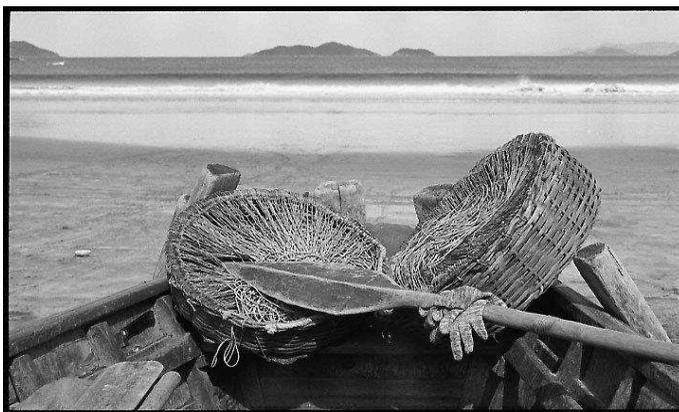


Figura 11 - Na espera das Tainhas

Fonte: Panoramio.

A partir da ideia de que era preciso buscar dados reais sobre como está a cultura popular de Florianópolis hoje, e como esta vem sendo difundida nas escolas. Foi necessário realizar uma pesquisa empírica para obter estes dados.

Desta forma foi escolhido um bairro, seguindo a ideia de que este ainda mantém muito da cultura popular local. O bairro em questão foi o Pântano do Sul. Faça agora um breve relato da história do bairro.

A Vila da Praia do Pântano do Sul, situada a 30 km do centro de Florianópolis, é uma das últimas colônias de pescadores, formada predominantemente por descendentes de açorianos, que ainda hoje preservam costumes locais.

O distrito do Pântano do Sul originou-se a partir da Lei nº 1042/66 de 12/08/1966 e instalado em 10/12/1967. Sua área é 47,68 Km², sendo que dele fazem parte as seguintes localidades: Praia da Solidão, Praia do Saquinho, Praia do Pântano do Sul, Lagoinha do Leste, Praia do Matadeiro, Praia da Armação, Lagoa do Peri e Costa de Dentro. Possui cachoeiras no Rio da Solidão, trilhas ecológicas, passeios marítimos, acesso às paradisíacas praias da Lagoinha do Leste e do Saquinho.

Até a chegada dos primeiros açorianos à Ilha de Santa Catarina, o Pântano do Sul era habitado por índios carijós. No local foi encontrado um sambaqui de onde foram retiradas ossadas com mais de 6 mil anos.

Atualmente resta apenas um pequeno terreno entre o cemitério e uma propriedade particular, sendo esta parte de um sambaqui que é um dos mais importantes sítios arqueológicos de Santa Catarina. Os colonizadores inicialmente tentaram a agricultura, mas o solo da região não é dos mais férteis. Logo, viram no mar uma saída para garantir sua sobrevivência. Com a instalação da Armação Baleeira na praia vizinha da Armação, a pesca ganhou impulso, a localidade cresceu e hoje é uma das três mais ativas comunidades pesqueiras de Florianópolis.

A localidade era conhecida como Pantano e não como Pântano do Sul. Numa pronúncia rápida parece que dizem PANTO SUL. O nome, pântano tem origem pelo fato de que toda a faixa a oeste da praia era pantanosa, estruturada por uma série de pequenos rios, que vêm dos morros vizinhos. Era um pantanal, e que fora utilizado por muito tempo, para cultivo do arroz irrigado.

Até a organização da Companhia de Pesca de Baleia da Lagoinha, a comunidade do Pântano do Sul, era muito pequena, dizem, que só habitavam índios lá em 1768.

Pântano do Sul é a mais tradicional praia de pesca, de todo o Estado de Santa Catarina. Destaca-se pela pesca do cação, e dos cercos de tainha. Tem ainda, atividades de alto mar, com barcos maiores, tanto para captura de peixes, como, garoupa, pijareba, robalo, lagosta, enfim, uma grande variedade de peixes, que são colocados no mercado local, e de outros importantes centros consumidores, do país. Atualmente, a Praia também entrou no circuito do turismo, com razoável infraestrutura, e bons restaurantes especializados em frutos do mar.

Contudo, percebe-se o quanto este bairro ainda hoje mantém viva a cultura local. Sendo um dos poucos bairros da Grande Florianópolis que ainda vive de sua própria cultura, que procura resgatar esta e repassar aos mais jovens. Havendo, portanto uma valorização da nossa cultura, do que é realmente nosso.

3.2 ENTREVISTAS

Após toda essa pesquisa de informações e toda a contextualização realizada. Observou-se necessário fazer algumas entrevistas em locais onde fosse possível um contato direto com a história de Franklin Cascaes, com suas obras e até mesmo conversas sobre quem era este grande artista. Além de buscar um entendimento maior sobre como está sendo trabalhada a cultura popular em Florianópolis, através da obra de Cascaes.

Seguindo esta proposta busquei entrar em contato com a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, solicitando uma visita para uma possível entrevista. Fiz diversos telefonemas, conversei com muitos atendentes e a única resposta positiva que obtive foi de uma professora que não está mais na rede.

Ainda assim, continuei tentando uma visita à Secretaria Municipal de Educação, sem sucesso. As informações eram que não havia ninguém disponível para me atender, que somente após junho seria possível marcar uma entrevista. Desta forma, acabei desistindo de obter essas informações da Secretaria. Visto que tinha pouco tempo para tudo que precisava fazer em relação ao trabalho.

Como as tentativas de uma visita a Secretaria Municipal de Educação foram sem sucesso, busquei a Fundação Franklin Cascaes, para fazer a mesma entrevista e obter mais informações sobre o tema em questão.

Até que marcamos uma visita para conhecer a Fundação. Chegando lá, conversei com várias pessoas, além de poder observar alguns trabalhos de Franklin Cascaes e tirar muitas dúvidas sobre sua história. Infelizmente não encontrei ninguém que pudesse responder as minhas perguntas. Mas a partir das conversas realizadas lá, consegui ampliar um pouco mais meu campo de conhecimento sobre o artista.

Buscando ainda ampliar meu repertório acerca dos trabalhos de Cascaes, tentei visitar o museu Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina, por diversas vezes. Mas todas sem sucesso. Tentei ir pessoalmente até o museu, mas não pude entrar, tentei contato por e-mail e me informaram que as obras de Franklin Cascaes estavam em reserva técnica, logo, não poderiam permitir visitas agora. Depois de diversos e-mails, disponibilizaram uma data para minha visita, após 10 de junho. Porém nesta data, eu já não poderia mais realizar a visita⁵.

Enfim, não consegui visitar o museu da Universidade Federal de Santa Catarina. Essa dificuldade de acesso me fez pensar no quanto Franklin Cascaes quis que seu trabalho fosse conhecido e difundido para todos. Por este fato doou todoo seu acervo a este museu, para que todos que tivessem interesse pudessem ter acesso.

⁵ Estes são alguns elementos que também aparecem nas falas das professoras, durante a entrevista. Sobre a dificuldade de acesso ao Museu Universitário. Porém precisa-se considerar que, no momento da minha pesquisa, a Universidade Federal estava com seus servidores em estado de greve. Talvez este tenha sido mais um motivo de dificuldade para o acesso.

Após todas estas tentativas de realizar uma entrevista, consegui contato com uma escola localizada no bairro Pântano do Sul. Local onde pretendia fazer um estudo de caso. Entrei em contato por telefone e fui muito bem atendida pela diretora da escola. A qual prontamente disse que podia me receber na próxima semana. Marcamos então, fui visitar a escola, munida das minhas perguntas no papel e muitas outras curiosidades na cabeça. Chegando lá a diretora mais uma vez, foi muito atenciosa. Respondendo as oito questões do roteiro e todas as outras que iam me surgindo na cabeça. Logo após uma conversa, ela chamou mais duas professoras dos anos iniciais, as quais foram muito solícitas e também responderam as questões. No final da entrevista conversei com a professora de artes da escola, que me mostrou alguns dos trabalhos realizados por ela, referentes à cultura popular. A entrevista durou em torno de duas horas, pois além de responderem as perguntas, conversamos muito sobre diversos aspectos da comunidade, sobre seus entendimentos acerca da cultura local, entre outros.

As questões respondidas foram:

1. Como professora, você vem trabalhando com a Cultura Popular da Ilha? De que forma?
2. Quais os elementos culturais da Ilha estão presentes no seu trabalho com as crianças?
3. Esta escola trabalha com a Cultura Popular da Ilha?
4. As crianças conhecem Franklin Cascaes? Já foi realizada alguma proposta juntamente com elas, sobre este artista?
5. Você considera que seja importante a valorização da cultura local? Como é feita?
6. Como é definido o que será trabalhado referente à cultura popular, durante o ano?
7. Você acha que seria possível e necessário, termos uma disciplina fixa durante os anos do ensino fundamental, relacionada à cultura local?
8. A formação de professores contempla aspectos para aprimorar seus repertórios sobre as culturas da Ilha?

4 ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA TRADICIONAL DE BASE AÇORIANA

Este capítulo será dividido em quatro subitens. Os quais são provenientes das entrevistas realizadas na Escola Estadual, no bairro Pântano do Sul, com a diretora e também com mais duas professoras da escola. Estes vão abordar a cultura popular, que quando ligada a escola, está atrelada ao estudo dos bairros ou então abordada em datas comemorativas. Além dos elementos folclóricos da ilha, relacionados com a cultura popular, discutirá também sobre Franklin Cascaes e sua contribuição para pensar a cultura popular. Finalizando será feita uma pequena abordagem sobre a formação de professores e a cultura popular hoje em Florianópolis.

4.1 A CULTURA POPULAR A PARTIR DA ESCOLA

Precisa-se analisar a cultura em si para chegar ao todo, lembrando que as culturas são múltiplas, e devem ser analisadas de dentro para fora. Este trecho faz lembrar algumas definições de cultura trazidas por Brandão.

É em sua condição de ser social que o homem realiza a cultura. Integrado em grupos sociais, definidos segundo características determinadas, o homem se faz agente da cultura, criando e transmitindo a outros homens os elementos criados. A própria estrutura social é expressa e modifica, através do tempo, como forma de cultura. A família, as relações mantidas pelos membros da família segundo a posição que ocupam; as formas de comunicação social; as estruturas políticas; os sistemas econômicos; o trabalho, as formas que assumem, o significado que lhe atribuem, as estruturas que os grupos lhe impõem por realizá-lo; os elementos enfim, através dos quais se caracteriza a condição social de um grupo, de um povo, são expressões de um outro nível de cultura, necessariamente presentes em qualquer sociedade. Brandão (2009, p. 722).

Partindo do ponto de que as culturas são múltiplas, e de que é na condição de ser social que o homem realiza esta cultura, vamos entrar nos comentários das professoras entrevistadas sobre o aspecto cultura.

Quando perguntado se trabalhavam com a cultura as professoras dos anos iniciais responderam que trabalham a cultura popular através de pesquisas, porém somente quando trabalham o bairro. Essas pesquisas são relacionadas a conversas com os mais velhos para resgatar aspectos antigos do bairro, além do reconhecimento deste lugar que as crianças moram, buscam trabalhar com a valorização do bairro Pântano do Sul, pesquisando sobre suas influências, figuras artísticas e suas personalidades, através da gincana anual.

Esta gincana acontece todo ano, sendo que os temas, sempre são relacionados ao bairro. No ano de centenário de Franklin Cascaes, as crianças foram levadas para conhecer as exposições deste artista na ilha. Neste ano o tema da gincana foi Franklin Cascaes, desta forma as crianças precisaram estudar suas obras, escrituras, desenhos, esculturas e quem foi esse artista. Tudo isso envolvido com a gincana.

Quando perguntado sobre o planejamento anual, a diretora responde que é neste documento que é definido o que será trabalhado referente à cultura naquele ano. Todo o planejamento será voltado para o bairro, visando à valorização do mesmo, sua importância para a escola e também a importância da realização de um trabalho interligado, entre escola - comunidade e família - escola.

Foi feito ainda um questionamento sobre a possibilidade de termos uma disciplina fixa, durante os anos do ensino fundamental, relacionada à cultura local, todas as professoras demonstraram muito interesse, afirmando que seria de grande importância ter uma disciplina sobre a cultura local, e que esta contemplasse todos os anos do ensino fundamental. Desta forma haveria uma maior valorização do povo daqui, além da confirmação da identidade de cada um, as crianças desde pequenas conheceriam as personalidades da ilha, os grandes artistas que temos e sem dúvidas esse reconhecimento seria muito maior, não havendo necessidade da busca por quem é de fora, e a valorização da cultura do exterior. Nas escolas hoje temos a obrigação de trabalhar a cultura, porém apenas em projetos aleatórios durante o ano, por exemplo, nas datas comemorativas.

Finalizam este ponto, comentando que falta investimento do estado em toda área da cultura popular e da educação, pois se houvesse maior investimento, consequentemente haveria uma maior valorização da cultura, além é claro de mais interesse das crianças sobre sua própria cultura, o reconhecimento e valorização desta pela comunidade.

Comentam, ainda, que falta investimento do estado também no bairro, é preciso investir, para que as pessoas possam querer ficar no bairro. Já que a comunidade se mantém praticamente da pesca, dos poucos comércios. Elas então reconhecem que é necessário o investimento e crescimento do bairro, porém destacam que, havendo esse investimento a tendência do crescimento e desaparecimento da cultura local será ainda mais rápida. Lembram neste ponto a fala de Franklin Cascaes, quando afirma que quando as empresas chegam, a cultura precisa desaparecer...

Segundo Chauí (2008), devemos compreender a cultura como um trabalho e que o seu resultado final cultura, é feito para os outros sujeitos sociais, e deve despertar neles a sensibilidade, a imaginação e a criação. Considerando que esses sujeitos têm direito de participar das decisões políticas e culturais, para que possam assegurar seu acesso a produção cultural. Neste caso a cultura não se limitaria a suprir os padrões do mercado. Mas seria um direito dos cidadãos, um direito de acesso, de conhecimento, descoberta, de se comunicar entre si, debater, trocar experiências e criar novas formas de fazer cultura.

A saudade, naqueles tempos, revela o lado humano das pessoas, o gosto e o amor pelas outras pessoas, era uma expressão disso tudo. Era uma expressão de sentimento que uma pessoa tinha gravada em si, aquela saudade que ela sentia da presença da outra pessoa que tinha ido embora. Quem parte leva saudade, quem fica saudade tem, não é? [...] A sociedade está muito desumanizada e egoísta em excesso. É o que está acontecendo nos dias de hoje nesse nosso Brasil. O egoísmo é tão grande que a miséria alcançou a maior parte da população brasileira. Hoje, nós poderíamos dizer, setenta por cento da população brasileira está embrulhada na miséria. Tanto na miséria humana como moral, intelectual, espiritual CASCAES, (1989, p. 101) *apud* BATISTELA, (2007).

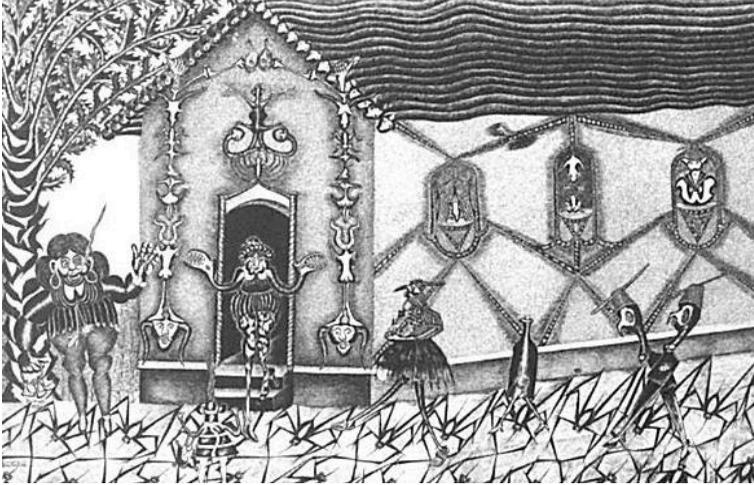


Figura 12 - Convenção das Bruxas
Fonte: Franklin Cascaes (1992).

Segundo René Marc (2008), cultura popular é concebida como um sistema de conhecimentos, sentidos e significados, sendo capaz de resgatar para a escola, no processo educacional as diferentes formas de compreender e interpretar o que é verdadeiro, a condição humana.

Analisando estes dados das entrevistas, pode-se perceber o quanto a escola busca envolver a comunidade em seus trabalhos, além de tentar fazer o resgate da cultura popular, trazendo-a para dentro da escola, porém como vimos sempre em datas específicas. Aproveitando de momentos que possam fugir das suas exigências institucionais, relacionadas aos conteúdos das disciplinas específicas.

Percebe-se, então, que a escola busca fazer um elo de ligação, entre escola – família – bairro. Porém continuam ainda associando a cultura popular ao folclore, acreditam que trabalhar com a cultura popular nas datas comemorativas, já é o suficiente para suprir as necessidades dos alunos quanto a este conhecimento.

Quando comentam sobre os investimentos que seriam necessários no bairro, deixam escapar uma pontinha de medo. Pelo fato de que havendo crescimento, haverá também uma perda maior da história, da cultura do povo, da festa quando os pescadores fazem um lanço de Tainha, da comunidade reunida na frente da igreja para festejar o Divino, das benzeduras da benzedeira que fica ainda lá na pracinha, do boi de mamão na rua, entre outros diversos aspectos da cultura deste povo, ainda bem açoriano, daqueles matutos que vivem lá no Pantu du

Suli! E vivem felizes, porque contam e recontam suas histórias, sua vida...

O homem fantasia a natureza. Isso é uma coisa extraordinária. Viver nesse ambiente, onde não se tem que pagar impostos, não tem nada de política, não tem nada disso. CASCAES, (1989, p. 25) *apud* BATISTELA, (2007).

4.2 ELEMENTOS FOLCLÓRICOS DA ILHA

“O folclore é a cultura do Povo, ele a criou e a conserva no coração. Deturpá-la é erro. Caro colega este é o meu humilde e mais sincero ponto de vista” CASCAES, (Caderno 60, sem data).



Figura 13 - Boitatá

Fonte: Franklin Cascaes (1992).

Na fala das professoras, durante a entrevista, foram aparecendo diversos elementos do folclore popular da ilha, por isso foi necessário realizar uma breve definição do que é folclore.

Mario de Andrade, afirma que o folclore nada mais é do que a expressão de nossa brasilidade e elemento decisivo de formulação de um ideal de cultura e identidade nacional. Além de ser um fator de compreensão entre os povos, pois incentiva o respeito às diferenças,

permitindo a construção de identidades diferenciadas entre nações que partilham de um mesmo contexto internacional.

A palavra folclore, segundo o inglês Williem John Thoms (1846), significa saber do povo, antiguidade popular.

Segundo as professoras entrevistadas, elas buscam trabalhar com os elementos culturais da ilha, principalmente aqueles que estão presentes no bairro, os quais as crianças tem acesso direto. Por exemplo: este ano será realizado um trabalho sobre o boi de mamão, na semana do folclore. O muro da escola será pintado com figuras açorianas, já que no bairro ainda tem muitos descendentes.

As professoras comentam ainda, que as crianças falam muito sobre a farra do boi, na época da páscoa, pois acontecem “brincadeiras” com o boi no bairro, sendo esta mais uma tradição da cultura do povo de Florianópolis. Além da capoeira que tem muitos adeptos no bairro, comentam também sobre as rendeiras, muitas vivem lá ainda e vendem suas rendas na praça, no bairro tem também a festa do divino, onde o povo escolhe a corte, acontece um desfile e toda a comunidade participa.

A escola está sempre buscando resgatar a cultura popular da ilha, através de festas como a festa junina, a festa do divino, o boi de mamão, eles mesmos constroem seu próprio boi com materiais reciclados, trabalharam com o resgate e a história do boi na comunidade e na família. A escola trabalha ainda com, as lendas escritas por Franklin Cascaes, às crianças fazem reproduções das suas obras, pelo fato de serem desenhos que fogem do nosso padrão. A escola apresenta estes trabalhos através de uma exposição, com cordel literário, as lendas e os desenhos dos alunos, para que todos tenham contato com a arte e a cultura. Fez também um trabalho sobre os peixes que são comuns no Pântano do Sul, peixes que todos conhecem e que são pescados ali pela comunidade.

Cavalcante (2007), afirma que a ideia de folclore assume as formas de conhecimento expressas nas criações culturais, dos diversos grupos de uma sociedade. Sendo, portanto muito difícil definir onde começa ou termina o folclore, pelo fato deste ser um campo de estudos, pois a noção de folclore não está na realidade das coisas, ela é construída historicamente, portanto a noção do que é folclore varia ao longo do tempo.

O folclore está diretamente ligado as tradições populares e a cultura popular, está ligado também a tudo que vem do povo e a ele pertence, pois possui a essência de ser nacional. O folclore é visto como fator de compreensão entre os povos, porque incentiva o respeito, as diferenças, além de permitir a construção de identidades diferenciadas.

De fato é no folclore que se encontram os elementos culturais autênticos da nação.

Segundo Cavalcante (2007), o folclore é dinâmico, transforma-se o tempo todo, pois incorpora novos elementos fase atual. Passando a ser entendido dentro do contexto das relações que se encontra.

Minha arte é recriação do que eu vi, do que eu vejo. Muitas das pessoas com as quais eu convivi, meus professores populares, eu tenho muitos nomes aí, pessoas que eu já encontrei com idade avançada, não vivem mais nessa terra, não sei se em outra, não sei. Eles tinham um modo de contar as coisas, naquele estilo, sem nenhuma cultura, não sabiam ler, não sabiam escrever. Eles contavam aquilo que ouviram falar. E eu já havia estudado, tinha uma outra cultura CASCAES, (1989, p. 49) *apud* BATISTELA, (2007).

Contudo, pode-se dizer que na escola do bairro Pântano do Sul, ainda há uma busca constante pela valorização do que é do povo daqui, pelo reconhecimento da cultura popular da ilha, e um fato muito importante, percebe-se o quanto a escola valoriza o bairro, as tradições culturais do mesmo. Fazendo isso, acaba por trazer a família para escola, além disso, faz com que seus alunos despertem o desejo, a vontade e a curiosidade em saber mais sobre as histórias do lugar onde moram, saber mais sobre quem são seus antecedentes, como viviam, saber as lendas curiosas e míticas que envolvem essa ilha e todo o povo natural daqui, os famosos manezinhos. Porém, mais uma vez observa-se que a escola “confunde” a cultura popular com o folclore. Ainda que os dois andem juntos, não é possível trabalhar com um buscando abranger os dois pontos. É fundamental que haja uma separação entre estes aspectos. Mais importante ainda é que a escola possa trabalhar com os elementos folclóricos da ilha, não somente na semana do folclore, mas que esteja sempre em contato com o que é cultura popular, folclore e as tradições açorianas desta ilha encantada, para que não se perca jamais esta história tão rica.

4.3 FRANKLIN CASCAES E A CULTURA POPULAR AÇORIANA



Figura 14 - Tempestade e Recolhimento
Fonte: Raimundo Caruso (1989).

Em um dia me prometi que, quando pudesse, ia recolher na Ilha o que sobrava de todas aquelas tradições açorianas. E eu fiz isso mesmo. [...] Tive que me preparar moralmente para dar início a esse trabalho. Moralmente, no sentido em que deveria iniciar o projeto mas para levá-lo até o fim apesar de todos os problemas que já imaginava encontrar. E já comecei com dificuldades, porque era professor. O senhor sabe o que significa isso? Professor é um miserável. CASCAES, (1989).

Analisando agora o aspecto da cultura açoriana, baseado nas influências de Franklin Cascaes, pode-se dizer que durante a entrevista as professoras demonstraram o quanto compreendem e percebem tal influência deste artista em nossa cultura. Pelo fato de seu constante resgate da história desse povo. "Como comecei o estudo da cultura açoriana? Deve ter sido por saudades. Saudades do passado. (CASCAES, 1989, p. 22)".

Durante a entrevista foi perguntado às professoras se elas trabalham com Franklin Cascaes, se as crianças conhecem esse artista, ou se já ouviram falar. A professora dos anos iniciais diz que não trabalhou com seus alunos, pelo fato de que ela conhece pouco sobre

este artista. Já a diretora, que também é professora de história trabalhava muito sobre Franklin Cascaes, suas obras e seus contos principalmente. A diretora relata, que seus alunos demonstravam muito interesse pelo assunto, além de ficarem extremamente envolvidos pelas lendas e contos, sempre buscando saber um pouco mais. Principalmente quando descobriam que Franklin Cascaes vivia pelo Pântano do Sul, quase que tornando-se uma figura artística do bairro.

Os trabalhos de Cascaes na escola já foram muitos, tais como, cordel literário com seus contos, exposição dos seus desenhos (representados pelos desenhos dos alunos), teve um ano que foi até tema da gincana anual, nesta todas as atividades eram relacionadas à Franklin Cascaes. Assim, os alunos precisaram estudar sobre este artista para participar da gincana. Além das várias tentativas em levar as crianças para conhecer o Museu Oswaldo Rodrigues Cabral na Universidade Federal de Santa Catarina. Porém, sempre o encontraram com suas portas “fechadas”, para atendê-los, pois o acervo de Franklin Cascaes está totalmente guardado para reserva técnica, no momento não há exposições sobre este artista, então não tem como fazer visitação, entre outros “motivos” que impediam a visita dos alunos. Desta maneira fica evidente que os professores procuram se organizar para mostrar um pouco dessa cultura para os alunos, buscam fazer um trabalho de resgate da própria cultura. Contudo, a comunidade não consegue ter acesso a essa coleção fantástica de Franklin Cascaes. Pela dificuldade de acesso encontrada.

Mas o meu trabalho todo eu vou dar de presente para a Universidade [...] Por isso eu acho interessante que estejam num lugar acessível a todas as pessoas, de qualquer espécie de cultura, ou até de línguas, porque o meu trabalho fala várias línguas. Qualquer estrangeiro entende. Cascaes and Caruso (1981).

Após estas descrições de como é o trabalho na escola, sobre Franklin Cascaes, podemos observar o quanto a escola e as professoras se esforçam para levar essa cultura para os alunos, ou levar estes alunos para conhecer um pouco mais da sua própria cultura. Porém, vimos que não é tão acessível assim ter acesso as obras desse artista. O qual viveu para resgatar a cultura dessa ilha, pois tinha medo de que essa fosse se perdendo com o passar dos anos. Hoje para fazer uma visita ao museu da Universidade Federal de Santa Catarina, precisa agendar com meses

de antecedência, precisa comprovar que a pessoa que quer visitar está realizando algum trabalho científico e necessita realizar tal visita, mas ainda assim o acesso é dificultado. Podemos dizer que precisa ter sorte! Contudo podemos observar que um dos desejos de Franklin de Cascaes não é nem um pouco respeitado, que sua grande obra está sim intacta, guardada até hoje, o homem conseguiu realizar a proeza de manter “viva” toda a obra deste artista. Mas eu pergunto pra quê? Para o que serve um acervo com diversas obras se ninguém pode ter acesso? Para que serve obras que explicam para qualquer pessoa, muito sobre toda a história de uma cultura, se não se pode ao menos ver? Acredito e entendo que não servem de nada. De nada adianta no centenário desta artista colocar uma escultura do Boitatá, em sua homenagem no centro da Universidade. Se para fazer uma visita ao museu, que fica ali pertinho, tudo é dificultado. Entendo e acredito que, falta boa vontade dos organizadores e responsáveis por este acervo, para facilitarem o acesso de todos.

Como é do conhecimento de V. Excia, senhor Professor, eu venho há muitos anos me dedicando aos estudos que trazem ao coração do Povo as coisas do nosso passado, desde o ano de 1946. Percorri a Ilha de Santa Catarina, e deixei que o meu pensamento se entrelaçasse, mutuamente, com o do Povo humilde e bom, e então adquiri o que possuo escrito, desenhado, esculpido e em trabalhos manuais, para legar à posteridade CASCAES, (Caderno 17).

4.4 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A CULTURA POPULAR

No momento da entrevista, foi perguntado as professoras se a formação de professores contemplava aspectos para aprimorar seus repertórios sobre as culturas populares da Ilha. Todas responderam que não contempla, em nada os aspectos da cultura local. Sendo que, antes não havia obrigação em trabalhar com a cultura popular nas escolas. Faz somente 15 anos que este trabalho é cobrado das escolas, porém da maneira que já foi comentado, em projetos aleatórios durante o ano ou em datas comemorativas. Segundo a diretora, há alguns anos atrás era muito difícil encontrar um material que contemplasse a história da cidade de Florianópolis. Hoje em dia temos muito mais, por causa do turismo, por sua influência surgiu a necessidade de se estudar a cultura da ilha, para ter alguma coisa a mais para oferecer aos turistas. Desta

forma percebe-se que a importância está em “vender” esta cultura e não valorizá-la, resgatá-la para que seja passada de pai para filho como um “tesouro” que temos.

Já nos primeiros escritos de Paulo Freire, a educação popular, uma forma de “prática cultural para liberdade”, deveria transformar todo o sistema e toda a lógica simbólica da educação tradicional. Trabalhos como os de alfabetização e pós-alfabetização seriam apenas um de seus momentos. Assim, um movimento revolucionário de educadores surgia contra a educação institucionalizada e constituída oficialmente, seja como sistema escolar seriado, seja como educação não-formal de adultos. Emergia como proposta de reescrever a prática pedagógica do ato de ensinar e aprender, e surgia para pensar o sentido político do lugar da educação. BRANDÃO, (1985) *apud* BRANDÃO (2009, p. 737).

A partir da citação acima, pode-se perceber o quanto a educação popular tinha como “função” transformar a prática pedagógica, educando para a liberdade. Porém não havia uma formação para os professores, para que todos pudessem compreender a importância da cultura popular. E assim passá-la aos alunos.

Pensando ainda sobre os estudos de Paulo Freire, ele sempre defendeu que era preciso repensar a escola, repensar outra maneira de ensinar, sobretudo, de ensinar outras coisas. É preciso permitir que o professor tenha contato com as diferentes culturas, para que saiba lidar com os diferentes alunos que receberá em sua sala de aula. Além de garantir as contribuições que as manifestações culturais populares podem trazer para a sala de aula e para a escola.

Segundo René Marc (2008), o ensino da cultura popular contribui para a mudança do ensino formal nas escolas. Porque quando um professor ensina sobre a cultura popular, está criando novas estratégias para a educação, já que a cultura popular é multicultural, não é única e não possui um único sentido. Isto é, devemos reorientar o nosso olhar em direção a uma vocação mais multicultural, sem perder de vista que as culturas humanas são diferentes, mas nunca desiguais. Cada uma por si só, agrega cultura e valores, não havendo, portanto uma melhor que a outra, são apenas diferentes.

A educação ou a ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como consciências “intencionadas” ao mundo, ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente. (FREIRE, 1984, P. 99) *apud* (Gabriel, 2008, p. 76).

De tal maneira, a partir das falas das professoras e também dos autores estudados. Pode-se concluir que o que falta também nas escolas, para que a cultura popular seja mais trabalhada e difundida é o investimento na formação dos professores. Já que estes não tem nenhuma formação voltada para a cultura popular, nem mesmo a local. De tal forma trabalha-se com as culturas, somente em épocas e datas comemorativas, na semana do folclore, por exemplo. O que de fato é uma perda sem tamanho para o aprendizado dos alunos, além é claro de que a cultura popular local, desta maneira vai se perdendo, vai sendo esquecida, sendo deixada para depois. Ficando sempre para quando der, sobrar tempo. Já que esta não está nos conteúdos programáticos das disciplinas. Podendo ser abordado quando o professor achar necessário, ou então nas festas populares.

Vejo, em toda a obra de Cascaes, um sentido não só de preservação, mas também profético e de revelação. Cascaes é, na verdade, um organizador da nossa cultura popular. Alguém que além de buscar a preservação da memória popular, percebe a importância política deste fato, as profundas vinculações entre cultura e poder. Por isso, suas constantes denúncias e suas freqüentes batalhas: com o sistema, que o quer cooptar; com os estudiosos que nem sempre o compreendem, com os artistas que apenas o percebem como um folclorista BECK in CASCAES, (1989, p. 14) *apud* BATISTELA, (2007).



Figura 15 - Fazenda zootécnica Assis Brasil, atual UFSC, bairro Trindade - década de 30.

Fonte: Sunrise Musics (2013).



Figura 16 - Ponte Hercílio Luz, 1955.

Fonte: Sunrise Musics (2013).

5 CONCLUSÃO

Considerando as análises feitas no capítulo 4, sobre a cultura popular na escola, os elementos folclóricos da ilha, Franklin Cascaes e a cultura popular e por último a formação de professores e a cultura popular. Percebe-se a importância em não deixar perder-se uma cultura. Que um povo que não tem contato com a sua cultura, é um povo sem identidade. Sem história, sem progresso e passado.

Contudo, o que devemos observar são as pequenas coisas, da vida, as pequenas e simples coisas que passam despercebidas. Porque estamos sempre correndo para o trabalho, para a aula, para nossos afazeres do dia a dia, estamos sempre buscando o que é de fora, dando valor aos artistas que são do exterior, comprando arte que não é daqui, ouvindo músicas que na maioria das vezes nem sabemos o que fala, ou de quem é. Estamos deixando escapar a nossa história, dia a dia, quando não damos a ela o valor necessário. Quando buscamos mostrar aos nossos filhos, alunos e amigos aquela história que nem sabemos quem escreveu, aquela obra de arte que mal conseguimos pronunciar o nome do artista. Sendo que temos aqui nesta ilha, diversos artistas, cheios de cultura para contar, artistas estes que são daqui e da nossa cultura sobrevivem, pois sabem o valor e a riqueza que temos nesse pedacinho de terra. Usam desta cultura para mostrar ao mundo quem somos, o que fazemos, quais são as nossas raízes e se orgulham do trabalho que fazem, o de “salvar” de pouquinho em pouquinho a cultura popular da fantástica Nossa Senhora do Desterro. Sendo este o trabalho que o fantástico artista Franklin Cascaes, fez em sua vida toda, o de resgatar, valorizar e buscar passar para as gerações futuras a importância que a gente daqui tem, a importância da nossa história.

Este trabalho tem o simples dever de resgatar brevemente, e quem sabe despertar nos leitores a vontade de conhecer a Ilha, de ler um conto de Cascaes, de visitar um dos fortes da ilha, de passear na Lagoa da Conceição e apreciar o trabalho das rendeiras, de conhecer a praia da Galheta em noite de lua cheia, e entender um pouco sobre a magia que esta ilha tem, ou então de visitar a praia de Naufragados e sentir a energia dos navios que ali naufragaram um dia. Quem sabe até fazer uma caminhada pelo Ribeirão da ilha só para olhar aqueles lindos casarões que mantêm sua estrutura ilhoa. E se por acaso não sentir vontade de nenhuma dessas opções, tem ainda a cachacinha lá no bar do Arantes, no Pântano do Sul, um lugar simples, cheio de bilhetes pendurados nas paredes, ou melhor, cheio de histórias penduradas por todas as partes do bar. Histórias de quem conheceu e jamais esquece

essa ilha, essa ilha encantada e fantástica que temos o prazer de morar. Qualquer coisa, passa ali na benzedeira, aquela que fica bem na esquina da praia e pede uma benzedura que o mau olhado ela tira, espanta o que não faz bem e manda as bruxas para o mar!

“Eu não gostei desta terra Dela vivo bem enjoado; Penso em ir até a lua, no pescoço de uma bruxa montado”. Franklin Cascaes.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Formação de Leitores, Cultura Popular e Contexto Brasileiro - Publicado no Jornal da USP, Ano XXI, nº 749, de 16 a 22 de Janeiro de 2006 e na revista “Leitura em Revista” nº 10, 11 e 12. Associação Internacional de Leitura, Editora Unijuí, Ijuí, RS, 2007.

ARAUJO, Adalice Maria. Franklin Cascaes O Mito Vivo na Ilha da Magia. Ed. UFSC, 1ª edição, 2008.

BATISTELA, Kellyn. Franklin Cascaes: Alegorias da Modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970. Tese de Mestrado, 2007.

BRANDÃO, C. R. O divino, o santo e a senhora. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

CASCAES, Franklin. O Fantástico na Ilha da Magia. Ed. UFSC, 1992.

CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes - Vida e Arte, e a Colonização Açoriana. 1989, Editora da UFSC.

CABRAL, Oswaldo R. História de Santa Catarina. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. En: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año1, no. 1 (jun. 2008).

DUVIGNAUD, Jean. Le patrimoine culturel immatériel : les enjeux, problématiques, les pratiques; Colloque International. Le patrimoine culturel: les enjeux, les problématiques, les pratiques, Paris, 2004.

Educação popular e a construção de um poder ético, acesso em: <http://www.espacoacademico.com.br/078/78barbosa.htm>

ESTEVAM, C. A Questão da cultura Popular. In FÁVERO, O. (Org.) Cultura Popular e Educação Popular: memória dos anos sessenta. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

FANTIN, Mônica. No Mundo da Brincadeira: Jogo, Brinquedo e Cultura na Educação Infantil. Ed. Cidade Futura, 2000.

Florianópolis: uma síntese histórica, 2.edição. Fundação Franklin Cascaes/Secretaria Municipal de Turismo, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1969.

GABRIEL, Eleonora. Linguagens Artísticas da Cultura Popular. Salto para o Futuro – Ministério da Educação, 2008.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

MACIEL, J. Fundamentos teóricos do sistema Paulo Freire de Educação. In FÁVERO, O. (Org.) Cultura Popular e Educação Popular: memória dos anos sessenta. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARC, René da C. Cultura Popular, linguagens artísticas e educação. Salto para o Futuro – Ministério da Educação, 2008.

MARC, René C. S. Cultura Popular e a Educação -- Salto para o Futuro - Ministério da Educação, 2008.

MEIRA, Denise Araújo. Franklin Cascaes, O Professor entre silêncios e lembranças. CEFET/SC – UDESC

MEB. O conceito de Cultura: série fundamentação do programa para 1965. Estudos Sociais – Cultura. Rio de Janeiro, 1965.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, M. C. de S. O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo, 1992.

PIAZZA, Walter F. A Colonização de Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

SOUZA, Evandro André. Franklin Cascaes Uma Cultura em Transe. Ed.Insular, 2003.

Site Portal da Ilha, disponível em:
<http://www.portaldailha.com.br/noticias/lernoticia.php?id=14806/relancamento-de-o-fantastico-na-ilha-de-santa-catarina---de-franklin-cascaes>,
acesso em 14/05/2014.

Site Pântano do Sul, disponível em:
<http://www.pantanodosul.com.br/apraia.html>, acesso em 23/05/2014.

Site sobre artigos referentes a pesquisa qualitativa:
<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/pesquisa-qualitativa-exploratoria-e-fenomenologica-alguns-conceitos-basicos/14316/> Acesso em 04/06/2014.

REFERÊNCIA DAS FIGURAS

Figura 1:

PENSAMENTOS DA HISTÓRIA. [A Cultura Brasileira]. 2013, il color. Disponível em: <<http://pensamentosdahistoria.blogspot.com.br/2013/07/globalizacao-e-cultura.html>>. Acesso em: 13 jun.2014.

Figura 2:

CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes Vida e Arte, e a Colonização Açoriana. [Caminhos para Santa Catarina]. 1989, il.

Figura 3:

CIA TEATRAL EM CENA. [Seu Francolino]. 2010, il color. Disponível em: <<http://ciateatralemcena.blogspot.com.br/2010/12/oportunidade-de-conhecer-um-dos-autores.html>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Figura 4:

TADEU STANGHERLIN. [Imaginando]. 2010, il. Disponível em: <http://tadeustangherlin.blogspot.com.br/2010/07/projeto-franklin-cascaes-moda.html>

Figura 5:

SUNRISE MUSICS. [Florianópolis 1970]. 2013, il color. Disponível em: <http://www.sunrisemusics.com/turismo05.htm>

Figura 6:

TADEU STANGHERLIN. [Deixando Fluir]. 2010, il. Disponível em: <http://tadeustangherlin.blogspot.com.br/2010/07/projeto-franklin-cascaes-moda.html>

Figura 7:

CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes Vida e Arte, e a Colonização Açoriana. [Monstro Marinho]. 1989, il.

Figuras 8 e 9:

CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes Vida e Arte, e a Colonização Açoriana. [Procissão Senhor dos Passos] e [Baile de Bruxas dentro da tarrafa]. 1989, il.

Figura 10:

CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes Vida e Arte, e a Colonização Açoriana. [Irmãs Gêmeas Bruxólicas]. 1989, il.

Figura 11:

PANORAMIO. [Na espera das Tainhas]. Il. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/1191821>

Figura 12:

CASCAES, Franklin. O Fantástico na Ilha da Magia. [Convenção das Bruxas] 1992, il.

Figura 13:

CASCAES, Franklin. O Fantástico na Ilha da Magia. [Boitató] 1992, il.

Figura 14:

CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes Vida e Arte, e a Colonização Açoriana. [Tempestade e Recolhimento]. 1989, il.

Figura 15:

SUNRISE MUSICS. [Fazenda zootécnica Assis Brasil, atual UFSC, bairro Trindade - década de 30]. 2013, il color. Disponível em: <http://www.sunrisemusics.com/turismo05.htm>

Figura 16:

SUNRISE MUSICS. [Ponte Hercílio Luz, 1955]. 2013, il color. Disponível em: <http://www.sunrisemusics.com/turismo05.htm>